Uma aventura a dois

THAÍS OLIVEIRA

Uma aventura a dois

MUNDO CRISTÃO

Copyright © 2024 por Thaís Oliveira

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Cip-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

O52a

Oliveira, Thaís
Uma aventura a dois / Thaís Oliveira. - 1. ed. - São Paulo: Mundo Cristão, 2024.
384 p.

ISBN 978-65-5988-330-1

1. Ficção cristã. 2. Ficção brasileira. I. Título.

24-91753 CDD: 869.3
CDU: 82-97(81):27

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Edição
Daniel Faria

Revisão
Ana Luiza Ferreira

Produção
Felipe Marques

Diagramação
Gabrielli Casseta

Ilustração de capa
Ana Bizuti

Capa
Jonatas Belan

Categoria: Literatura
1ª edição: agosto de 2024

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69
São Paulo, SP, Brasil
CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

Para todas as garotas que já se olharam no espelho e não se reconheceram. Que este livro tenha o mesmo gostinho daquele brigadeiro que você dividiu com a sua melhor amiga (e faça um sorriso bobo surgir em seu rosto quando você menos esperar, assim como a sua comédia romântica favorita).

E para a minha mãe. Aquelas conversas na cozinha após a escola, os olhos reluzentes ao ouvir minhas ideias mirabolantes (eles brilham até hoje, viu?) e os joelhos dobrados me fizeram ser quem eu sou. Te amo, mamãe. Obrigada por tanto.

"Nunca aceito conselhos! Não consigo ficar parada o dia inteiro. Também não sou uma gatinha para ficar cochilando do lado do fogo. Gosto de aventuras e vou encontrar uma."

Louisa May Alcott, *Mulherzinhas*

Uma aventura a dois

Outono

"A vida é cheia de surpresas, você nunca sabe
o que vai acontecer."

De repente 30

1

— Duzentos e oitenta e seis dias? Sério?!

O *tec-tec* dos dedos de Serena correndo pelo teclado cessaram.

— Algum problema, Mabel? — da sua mesa, a secretária me olhou por cima dos óculos brancos, a testa franzida revelando sua preocupação. Os fios negros emolduravam seu rosto moreno.

E quem não estaria preocupada? Eu tinha acabado de falar sozinha...

— Ah, nenhum — abanei a mão, as bochechas formigando.

— Tem certeza de que não quer mesmo que eu peça algo para almoçar? — a secretária do meu pai insistiu. — A reunião ainda pode demorar um pouco.

A essa altura, devia estar em casa, almoçando e assistindo a um episódio de *Gilmore Girls*, mas uma reunião de urgência com alguns fornecedores subiu na lista de prioridades do meu pai, me obrigando a gastar os bicos do meu All Star azul no piso recém-trocado.

— Tenho sim. Obrigada.

Sorri antes de voltar a atenção para o celular largado de qualquer jeito em cima da mochila. Um X vermelho marcava a caixinha "01 de janeiro de 2015": o dia em que minha vida, finalmente, mudaria!

Bem, talvez as mudanças não acontecessem no primeiro dia, mas o importante era que o ano novo traria muitas novidades. Com o fim do ensino médio, deixaria Valadares para passar uma temporada nos Estados Unidos.

Só tinha um probleminha: 2015 estava tão longe!

Abri o navegador, em que me esperava um post sobre o relato de intercâmbio de uma blogueira. Eu o tinha lido havia poucos minutos, mas meu estômago estava tão oco que as palavras se misturaram como em uma sopa de letrinhas. Quando percebi, estava checando quantos dias faltavam para terminar o ano, embora ainda estivéssemos em março...

Ansiosa, eu?

Não devia ter mentido para Serena, mas não estava a fim de perder mais tempo esperando alguém entregar meu almoço. Só queria que meu pai me contasse de uma vez por todas o que tinha a dizer. Aliás, ele não podia ter feito isso em casa?

Desde a noite passada, quando ele havia convocado a reunião familiar de emergência, eu não conseguia dedicar mais que cinco minutos de atenção ao que quer que fosse.

Depois da escola, desci do ônibus e caminhei, inquieta, pela Avenida Atlântida. Não demorei a chegar ao prédio de tijolinhos vermelhos que ocupava as últimas quadras da rua sem saída. Era ali que meu pai comandava o único jornal da cidade, o Tritão.

Argh! Tinha perdido o foco de novo.

Rolei a página até o final do post. Se as frases eram um desafio grande demais para mim, talvez as fotos incríveis de Cecília Fontes pudessem ser uma boa distração. A Quinta Avenida, o Central Park e a Ponte do Brooklyn foram cenários perfeitos para seus registros.

Não resisti! Compartilhei algumas delas no meu Tumblr. Mal podia esperar para poder postar ali minhas próprias fotos.

Meu estômago roncou, um lembrete da cratera que se abria em minha barriga. Não dava mais para esperar.

— Serena, pode avisar ao meu pai que fui para casa? — em um salto, me coloquei de pé. — A reunião está demorando demais... Se ele quiser, posso voltar mais tarde.

Mal tinha terminado de falar quando a porta da sala de reuniões se abriu. Um grupo de homens engravatados deixou o ambiente.

O primeiro deles era Sebastião, o editor-chefe do jornal. Um homem baixinho, que apesar de mal ter chegado aos 30, já dava sinais de calvície. Pelo ego e o ar de superioridade que exalava, parecia comandar um desses noticiários gigantescos, não um jornal pequeno de uma cidadezinha na Costa Verde do Rio de Janeiro.

— Olá, Mabel — ele me cumprimentou.

— Hoje não... — resmunguei baixinho. O editor conferiu as horas em seu relógio de pulso vermelho; não contive um revirar de olhos. — Ei, Sebastião. Tudo bem?

— Não podia estar melhor — ele sorriu e ajustou os óculos que já estavam perfeitamente encaixados entre seus olhos esbugalhados. — Veio assinar o contrato de estágio? Será um prazer mentorear a herdeira do Tritão.

Embora eu ainda não soubesse o que faria após o intercâmbio, tinha certeza de que o jornalismo não era minha praia. Se o jornal tivesse alguma coluna sobre música, quem sabe eu me sentisse um pouco mais atraída? Mas a seção de cultura e variedades era bem limitada.

— Ainda não — desconversei.

— Poxa! — ele levou as mãos ao coração. — Desse jeito, vai deixar Valadares sem ter a oportunidade de conhecer a redação de um dos melhores jornais de pequeno porte do país.

Exagerado...

— Meu amigo — papai atraiu sua atenção com seu vozerio imponente e o sotaque norte-americano carregado —, tenho certeza de que não faltarão oportunidades para Mabel conhecer a redação e acompanhar um pouco do seu trabalho — deu dois tapinhas no ombro do seu editor-chefe, tentando consolá-lo.

— Agora, se nos der licença, temos uma dessas reuniões de pai e filha, sabe?

— Ah, claro, chefe. Sem problemas! — Sebastião pigarreou, sem graça. Com medo de estar incomodando ou não sendo perfeito o bastante, completou: — É sempre um prazer vê-la, Mabel.

— O prazer foi meu — fui obrigada a mentir.

Confesso que prazeroso era vê-lo ir embora...

— Sinto muito, *sweetheart* — meu pai se desculpou. — Essa reunião foi totalmente inesperada... — ele me conduziu para seu escritório. — Não imaginei que fosse demorar tanto, por isso não pedi a Serena que desmarcasse.

— Sem problema, pai.

Joguei-me em uma das cadeiras acolchoadas diante da mesa de madeira de onde ele coordenava seus negócios. Entre o computador e algumas pastas, porta-retratos tinham sido perfeitamente posicionados — na maioria deles, minhas irmãs gêmeas fazendo caras e bocas.

— Já comeu alguma coisa? — papai perguntou, sentando-se em sua imponente cadeira de couro. — Falei com a Serena para providenciar o que quisesse.

— É, ela me disse, mas prefiro comer em casa.

— Mas já está tão tarde, Mabel! — papai meneou a cabeça, me repreendendo. — Sua mãe não ficará nem um pouco satisfeita.

Novidade. Quando eu a deixava?

— Ah, prefiro o almoço dela, pai... Agora que a gente pode conversar, finalmente — fiz questão de frisar —, não vai demorar muito, né?

— Certo — cruzando os braços, papai limpou a garganta. — Sabe por que está aqui?

Engoli em seco.

2

— Hum... Alguma coisa a ver com a escola? — chutei.

Minhas primeiras notas em matemática e física não tinham sido lá essas coisas. O 6,5 e o 7 poderiam arruinar meu boletim, aos olhos do meu pai. Eu já esperava a bronca desde que os professores subiram as notas no site do colégio.

— Não é sobre isso, mas sem dúvida esse é um ponto importante para conversarmos também — ele ponderou.

— São só as primeiras provas, pai. O ano mal começou.

— Dar o seu melhor não tem a ver com datas... — papai arqueou uma das sobrancelhas de um loiro areia. — Enfim, conversaremos sobre isso depois. *One thing at a time*.

— Ok — respondi a contragosto.

Meu humor parecia ter sentado em um carrinho de montanha-russa, e descia desgovernado.

— Sabe me dizer quando foi a última vez que fizemos algo divertido em família, filha? — indagou.

— Ah, sei lá — dei de ombros.

Ele coçou a barba que cobria boa parte do seu rosto.

— Não saber a resposta para essa pergunta não te incomoda?

— Não... — afirmei, sem saber aonde ele queria chegar com aquele papo.

— Bem, a mim e a sua mãe incomoda muito. Já notou que você tem passado a maior parte do tempo enfurnada no quarto,

assistindo alguma coisa na tevê ou com os olhos presos nesse celular? — ele indicou o aparelho em meu colo.

Ah, de novo isso? Aff.

— Pai...

— Só sai daquele quarto para ir à escola ou dar uma volta com a Celina — prosseguiu, me impedindo de persuadi-lo. A voz se tornando mais séria a cada palavra.

— Lin — corrigi. — Ela detesta ser chamada assim, lembra?

Ele apenas me ignorou.

— Você não tem mais tempo para conviver com a gente, conversar com sua mãe ou brincar com as suas irmãs. Aliás, anda muito sem paciência com elas, não?

Blá-blá-blá.

— Fala sério, pai! As gêmeas estressam qualquer um — resmunguei.

— Elas são pequenas, Mabel. Precisam da nossa paciência e atenção para ensiná-las — disse ele, protegendo-as, como sempre. — Minha preocupação não é que você perca a calma com suas irmãs de vez em quando, isso é normal, mas sim que aconteça sempre. Você não demonstra interesse em conviver com as pessoas que mais te amam. Isso é muito preocupante.

Incrível!

Se nossa família fosse um sistema solar, Anna e Alice seriam o Sol, com certeza. Eu estava cansada de ter que orbitar em torno delas.

Senti meu estômago queimar, a raiva se alastrando por suas paredes vazias. Do outro lado da mesa, meu pai analisava minhas reações.

— E o que mais? — ousei perguntar, cansada do seu olhar crítico.

— O que tenho para te pedir hoje não é muito difícil. Quero que passe mais tempo com a família, só isso. Dê atenção a suas irmãs, ajude sua mãe, fique menos tempo naquele quarto. *Be present*.

Quê? Eu não podia acreditar.

O que ele queria? Uma dama de companhia?!

— Você vive nos lembrando que este é o seu último ano em casa, então por que não aproveitá-lo melhor? Escute... — ele fez um suspense. — Durante o intercâmbio, sentirá mais saudades do que imagina — seu tom dramático quase me fez acreditar.

Mas eu duvidava. Seria incrível sair a hora que eu quisesse, ter liberdade para decidir aonde ir e não ter de abrir mão de assistir a minha série favorita na maior tevê de casa para dar play em alguma animação pela trigésima vez no dia...

— A gente não podia ter conversado isso em casa, pai? — mudei a direção da conversa.

— Tem sido difícil falar com você ultimamente. Pensei que marcar uma hora na sua agenda seria mais fácil do que torcer para encontrá-la com disposição para me ouvir.

— Se o senhor passasse mais tempo em casa, talvez me encontrasse mais disponível — deixei escapar.

O sangue se espalhou por suas bochechas. Toquei em seu ponto fraco.

— Querida, isso não é verdade...

— Não, pai? — rebati em uma voz aguda. — O senhor tem passado mais tempo aqui do que em casa, e nas poucas horas em que está lá fica trancado no escritório ou dando atenção às gêmeas. Mamãe tá sempre ocupada também... Não é muito fácil encontrar tempo para conversar com vocês.

Assim que as palavras saíram dos meus lábios, senti a bola se formando em minha garganta. Uma velha conhecida. Toda vez

que ousava mexer na caixinha de marimbondos que morava em meu peito, ela surgia, obstruindo minha garganta e me impedindo de falar como uma adolescente normal. Se insistisse, em breve choraria como um bebê.

— Filha, não seja injusta... Suas irmãs ainda são muito dependentes — ele lembrou, na defensiva. — Mas isso não quer dizer que preferimos elas a você. Amamos as três do mesmo jeito. Você sabe, não é?

— É — balbuciei.

Se Anna e Alice eram o Sol, eu era Plutão, distante e esquecida.

Disposta a devolver aquela bola de sentimentos para seu devido lugar, voltei minha atenção para o oceano. Pela janela panorâmica atrás de papai, pude ver algumas aves mergulhando nas águas cristalinas à procura do almoço. Eram tão livres...

— Que tal um acordo? — meu pai propôs.

— Que tipo de acordo? — voltei minha atenção para ele.

— Bem, parece que todos nós temos pontos a melhorar. Estou disposto a diminuir minha carga de trabalho e passar mais tempo em casa, me dedicando a você — ressaltou — e a suas irmãs. Também conversarei com sua mãe, não se preocupe. Mas preciso que se comprometa. Aceita participar mais da rotina?

— Se alguém te ouvisse, pensaria que eu não faço nada, o que seria mentira — protestei. — Já participo da rotina da casa: lavo a louça todos os dias, arrumo meu quarto, fico com as meninas... — usei os dedos para contar meus exemplos. — Ainda por cima, não saio de casa sem pedir. Quase nem saio, na verdade. Não dou muito trabalho, pai. Vocês deveriam ficar felizes por isso.

— É claro que ficamos — papai se remexeu na cadeira. — Deus sabe quão gratos somos! Mas manter um equilíbrio é importante. Ficar só em casa não faz bem. Mabel, nossa família já passou...

— Por muita coisa! — completei. — Eu sei, pai.

Aquele era quase um lema lá em casa.

— Então, sei que a minha garota é compreensiva e madura o suficiente para entender — ele sorriu. — Só queremos que seja feliz, *honey*. Acordo fechado? — meu pai estendeu a mão sobre a mesa.

Ignorei seu cumprimento.

— Tudo bem, mas tenho uma condição.

Eu já o tinha visto fechar contratos o suficiente para aprender algumas coisinhas.

— Qual?

Havia uma coisa que eu não suportava mais: perder meus domingos, entediada, no sítio da família. No começo, foi divertido explorar a área de lazer e as trilhas, mas depois de um ano fazendo isso todo fim de semana, cansei de ver a mesma paisagem. Era triste ver minhas horas descerem pelo ralo naquele fim de mundo...

— Me comprometo a melhorar, mas quero passar os domingos em casa. A gente já explorou tudo o que tinha de bom naquele sítio, pai. Vou aproveitar para estudar e passar tempo com meus amigos.

— Com a Lin, você quer dizer — papai coçou o queixo.

— Eu não tenho culpa se o Pedro foi embora... — abri e fechei o zíper da mochila.

Desde que meu melhor amigo havia deixado Valadares para morar em São Paulo, perdi o direito de usar o plural.

— Talvez esteja na hora de fazer novos amigos, filha. Bons amigos, claro — ele acrescentou.

Ignorei sua alfinetada.

— Você já foi adolescente, pai. Sabe que não é tão fácil assim... — balancei o pé, entediada. — Aceita minha condição?

— Aceito, mas também tenho uma — papai deixou um sorriso sabichão escapar antes de prosseguir. — Faremos um rodízio:

você terá um domingo livre e um em família. Nos livres, poderá usar seu tempo para estudar e encontrar a Lin, não o dia todo, claro. E desde que não faça nada errado ou imprudente.

Aquela condição não era lá essas coisas, mas se fosse o único jeito de ter algum tempo só para mim, teria que aceitar.

— Ok, temos um acordo — estendi o braço e deixei meus dedos serem envolvidos pela mão enorme do meu pai.

No fundo, eu desconfiava que as coisas não melhorariam tanto assim, de nenhuma das partes.